

HERANÇAS TRANSGERACIONAIS EM FAMÍLIAS DE JUDEUS IMIGRANTES E DESDOBRAMENTOS CULTURAIS

David LÉO LEVISKY¹

Resumo: O autor parte de algumas experiências clínicas para tratar, com base na psicanálise vincular e clássica, de elementos conflitivos que compõem o processo de identificação individual e familiar provenientes das diferenças culturais. Aborda conceitos de cultura, microcultura, família, rede estrutural e dinâmica das conexões afetivas individuais, coletivas e intrafamiliares na tentativa de compreender estados mentais continentais e desagregadores resultantes de conflitos entre símbolos, sentimentos, identidades, valores, tradições, ritos, mitos e tabus; elementos integrados ou não ao *self* individual e coletivo, provenientes das diversidades culturais. Níveis de subjetivação participam desse sistema complexo de conexões formando múltiplas linguagens.

Palavras-chave: alianças; heranças; família; conflito; subjetivação; cultura.

Résumé : L'auteur part de quelques expériences cliniques pour traiter, en se fondant sur la psychanalyse de lien et classique, des éléments conflictuels qui composent le processus d'identification individuelle et familiale provenant des différentes cultures. Il aborde des concepts de culture, de micro-culture, famille, réseau structurel et dynamique des liens affectifs individuels, collectifs et intrafamiliaux, afin d'essayer de comprendre les états mentaux continentaux et destructeurs, résultants de conflits entre symboles, sentiments, identités, valeurs, traditions, ritos, mythes et tabous ; éléments intégrés ou non au *self* individuel et collectif, provenant des diversités culturelles. Niveaux de subjectivation font partie de ce système complexe de connections formant de multiples langages.

Mots-clés : alliances ; héritages ; famille ; conflit ; subjectivation ; culture.

“...ele terá, talvez, o desejo de queimar carros...não é um gesto de cólera...é o sentimento de não possuir uma cultura quando se está colocado entre culturas cujos símbolos são incompatíveis. Como existir se não se sabe onde se está?”

Barbery (2006, p.325)²

I. INTRODUÇÃO

O artigo aborda a percepção de que a presença de conflitos traumáticos, vividos pelos pais imigrantes em suas culturas de origem, pode ser transmitida às novas gerações, de forma involuntária e inconsciente, durante a construção da identidade dos filhos e do processo de assimilação à nova cultura. No caso que será aqui abordado, trata-se da cultura brasileira. Conceitos como alianças inconscientes e heranças transgeracionais ajudam na compreensão desses fenômenos.

Entende-se por pactos ou alianças inconscientes os vínculos estabelecidos entre dois ou mais sujeitos, presentes em todos os casais, famílias, grupos ou instituições nos vários níveis de subjetivação. Tais alianças têm por função negociar conflitos, elaborar soluções de

¹ Psicanalista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psiquiatra e Psicanalista de crianças e adolescentes. PhD em História Social (USP). Professor do SBPSP e editor da Revista Brasileira de Psicanálise da FEBRAPS. Membro fundador da Associação Brasileira de Psicanálise de Casal e de Família (ABPCAF).

² “...il aura peut-être envie de brûler des voitures...c'est le sentiment de ne pas avoir de culture parce qu'on est écartelé entre des cultures, des symboles incompatibles. Comment exister si on ne sait pas où on est?”. Barbery, M.: *L'élégance du hérisson*, Paris, Gallimard, 2006.

compromisso, criar sinergias na construção da singularidade, na realização dos desejos e dos mecanismos de defesa de cada um e do conjunto relacional (Levisky, 2021). O psicanalista francês, René Kaës (2015), chama de alianças inconscientes uma formação psíquica intersubjetiva constituída pelos sujeitos de um vínculo ou de um grupo familiar, casal ou instituição que reforça, em cada um deles, processos, funções ou estruturas das quais cada um dos integrantes da relação tira benefícios que os unem afetivamente e atribuem valor decisivo em suas vidas. As alianças inconscientes são compreendidas como formações intermediárias que se estabelecem no espaço da relação entre dois ou mais sujeitos de um grupo, casal, família ou instituição. Pertencem ao processo simbólico e organizador do mundo interno, do intrapsíquico, a partir das relações pais-bebê.

O conceito de herança ou transmissão psíquica inconsciente entre gerações está ligado aos segredos ou traumas familiares que ocorrem em uma dada geração com formação de criptas, zonas psíquicas profundas que escondem ou guardam fenômenos que não chegam à consciência espontaneamente. Nas gerações subsequentes, podem ocorrer manifestações emocionais decorrentes daquele passado familiar sem que os sujeitos da nova geração tenham conhecimento do ocorrido ou sequer convívio com os antepassados e, que se transmitem de geração em geração: lutos não elaborados, segredos, violências, vazios, migrações. São traumas que não puderam ser transformados, simbolizados, historizados, comprometendo a capacidade dos pais de metabolizar as ansiedades primitivas do bebê (Trachtenberg, 2017).

II. DISCUSSÃO

Sou filho de imigrantes. Meus pais chegaram ao Brasil muito jovens, meu pai com 16 anos em 1924 e minha mãe com 8 anos em 1922, ele vindo de Odessa, Ucrânia e ela vindo de Edinet (Yedenitz), antiga Bessarabia, hoje Moldávia. Transmitiram aos filhos traços de sua cultura local, grupal e do processo histórico das múltiplas migrações que viveram em conflitos com aspectos da cultura brasileira do Recife e paulistana. Fenômenos complexos que se repercutiram na formação da identidade deles e de seus filhos, acrescido do fato de serem judeus, cada um vivendo seu histórico e à sua maneira, dentro das possibilidades de um país cristão. Eles chegaram ao Brasil, portanto, logo após o término da 1ª Guerra Mundial, após a queda do Império Russo e a instauração do comunismo na região, acompanhados, sempre, dos fantasmas persecutórios do antissemitismo na Europa.

Vivi, na infância, medos terríveis diante de perigos desconhecidos, difíceis de serem nomeados e materializados. Perigos que rondavam o mundo social, intrafamiliar e pessoal. Era preciso ter cuidado com o que se falava fora e dentro de casa. Ser judeu era ser diferente. Ter amigos cristãos requeria cuidados. Ir à escola, à casa de amigos não judeus, médicos ou hospitais significava ter de enfrentar não somente as diferenças culturais, mas a imagem de Cristo pendurada na parede. Algo que, para muitos, representava proteção, enquanto para mim, significava temor com nome, Cristo, sem a devida compreensão do seu significado religioso, ético e moral. Eu era um dos representantes dos assassinos de Cristo, algo que estava longe do meu alcance racional, mas que me incomodava. Várias vezes me deparei ao longo da vida com agressões pelo fato de ser judeu. Ouvi que aqui não era a minha terra, que deveria voltar de onde vim, apesar de ter nascido no Brasil, em São Paulo.

Eu me perguntava: voltar para a minha terrinha? Mas, qual era a minha terrinha? Brasil? Israel? Ucrânia? Bessarábia? O que eu sabia era sobre o meu time do coração, o Corinthians. Isso todos entendiam e, aí, aceitavam-me. Ainda continuo a procurar o lugar dos sonhos, por mais que

batalhe para me sentir integrado, porém reluto em me assimilar. Há valores nacionais, brasileiros, que não me pertencem, como a desfaçatez, a miséria, a desconsideração humana, tal como se vê hoje na figura do presidente do Brasil. O “fazer nas coxas”, expressão utilizada na época da escravidão dos negros no Brasil, entre os séculos XVI a XIX, quando escravos fabricavam telhas sobre suas coxas de forma tal que elas saíam irregulares, sem encaixe. Expressão que se vulgarizou para dizer: fazer de qualquer jeito.

Meus avós vieram para o Brasil fazer a América, isto é, ter uma vida melhor, distante das perseguições, guerras, revoluções e pogroms. Meu pai, natural de Odessa, cidade cosmopolita às margens do Mar Negro, pouco sabia do judaísmo apesar de se sentir judeu. Não chegou a fazer *bar-mitzvah*, pois estavam em fuga na Polônia e, não tenho certeza se foi circuncidado. Ele pouco falava de sua infância. Minha mãe, nascida em Edinet (Yedenitz), um *scheitl* da Bessarábia. Ele, de uma família intelectual, com um pai farmacêutico que se estabeleceu em Recife. Ela, filha de um religioso fabricante de *matzá*. Ambas as famílias chegaram ao Brasil por volta de 1920. Meus pais se conheceram e se casaram na década de 1930. Ficaram casados 65 anos. Tiveram dois filhos. Ambos se formaram. Constituíram família. Lutaram e venceram dificuldades. Cresci, como disse acima, em clima de medos, dominado por terrores noturnos, reações violentas e tiques. Questões ligadas à minha identidade estavam presentes, provenientes de conflitos decorrentes dos históricos das famílias de origem, das diferenças culturais dos antecessores e da cultura, em constantes transformações, que os acolheu. Sem deixar de considerar, é claro, os conflitos gerados pelo meu próprio eu.

Um exemplo marcante foi o dia em que agredi, fisicamente, um colega da faculdade que me disse: - seu judeuzinho, volte para sua terrinha. Tudo se passou devido ao fato de eu ter discordado dele quanto à maneira de votação durante uma assembleia que definiria uma declaração de greve da faculdade, durante os anos da ditadura. Ele pretendia que a votação fosse por aclamação, onde a identidade de cada um ficaria escondida e preservada, e eu, defendia que deveríamos ter a coragem de assumir a posição, os nossos atos, e votarmos nominalmente. O problema não estava na diferença de posicionamento, mas meu colega, por se sentir contrariado, precisou me denegrir e me excluir da terra que tão bem havia recebido meus pais. Meu intuito era me integrar e colaborar com os colegas e com o meu país, Brasil. Avisei-lhe que, se ele repetisse aquilo, eu lhe quebraria a cara. Ele repetiu e eu, não tive dúvidas, quebrei a cara dele.

Cheguei em casa esbaforido e contei a minha versão para os meus pais sobre o ocorrido, certo de que eles me compreenderiam. Apesar de apavorado, eu estava me sentindo um herói ao ter defendido a minha honra, a da minha família e a da minha coletividade. Resultado: tomei a maior bronca por ter tido a ousadia de reagir e de me expor. Levei anos de análise para entender que meus pais e eu vivíamos mundos diferentes. Aquilo que parecia ser uma rejeição deles a mim era, na verdade, a forma que eles encontraram de me proteger, de me dar amor. Na infância deles, uma reação dessas acabaria em prisão e fuzilamento. Eles tinham vivido, nos seus países de origem, constantes perseguições, pogroms, exclusão e restrições de vida, simplesmente pelo fato de serem judeus. Um medo persecutório se fazia presente e a submissão, como forma de sobrevivência, acompanhava-os.

Esse conjunto complexo de sentimentos gerou em mim um sentimento de não enraizamento, de dúvida quanto à identidade pessoal e nacional, de pertença ou não ao país que tão bem havia acolhido meus pais e avós. Pude estudar em colégios públicos e laicos de boa qualidade, sem restrições ou cotas para judeus. Criei muitos relacionamentos, fiz amigos, mas os sentimentos de não integração ou de não pertencimento era uma sombra presente que ainda se perpetua.

Recentemente, fiz uma grande descoberta pessoal: minha mulher e filhos, costumeiramente, brincam comigo sobre o modo como eu me referia aos meus pais: a mamãe quer isso? Ao invés de: mamãe, você quer isso? Em minha própria casa havia situações diante das quais eu me sentia um estranho no ninho. Fomos recentemente a Lisboa. Surpreendentemente, ouvi o mesmo tipo de expressão: a pessoa dirige-se a mim e diz: - o David quer isso? Ou, - a mamãe gosta disso? Fala-se para a própria pessoa na terceira pessoa. É uma forma carinhosa dos lisboetas se referirem aos seus pais ou a uma pessoa querida. O estranho no ninho podia continuar a falar daquele jeito, pois algo da tradição portuguesa havia sido incorporada por mim, desconhecida da minha mulher e filhos devido a outras influências culturais. É preciso dizer que meu pai, quando chegou ao Brasil, viveu durante alguns anos no Recife onde a influência portuguesa era diferente daquela existente em São Paulo.

Outra aberração familiar está em um fenômeno similar ao anterior e se refere a um gesto de mão típico, feito em momentos de desgosto, mas estranho à cultura brasileira. Motivo de gozação sofrida por mim feita pelos membros de minha nova família. Esse gesto era típico de meu pai. Recentemente, fui visitar Odessa e tive o prazer de perceber que aquele gesto ainda era comum entre pessoas daquela cultura.

Acredito que muitas pessoas possuam arquivados, no histórico do seu inconsciente, elementos das diversidades culturais herdados e adquiridos por alianças inconscientes e transmitidos de geração em geração, capazes de interferir na estruturação e na dinâmica dos processos de identificação individual e familiar, com integrações e rupturas dos vários níveis de subjetivação.

Na clínica psicanalítica, vivi outro exemplo de drama familiar, revivido nas sessões de análise de um pré-adolescente. Ele se preparava para a cerimônia de *bar-mitzvah*. Filho de pais religiosos tradicionalistas vindos do Egito. Nas sessões que antecederam o dia da solenidade, ele sugeriu a mim, seu terapeuta, que fizéssemos uma cerimônia prévia à comemoração tão esperada por ele e sua família. Pediu-me que trouxesse carvão e grelha, ele traria bebida e comida. Aceitei seu convite. Preparei a grelha, carvão, jornal e fósforo para a próxima sessão. Ele trouxe um pacote e me explicou que sua mãe havia lhe dado dinheiro para comprar os ingredientes antes de vir à sessão. Acompanhado do seu motorista, foi ao supermercado. Comprou pão, espetos de madeira, carne e queijo. Montou tudo junto, assou e comeu sozinho. Somente no final da sessão me perguntou:

- Você também quer?

Só pude lhe dizer: - Parece-me que você está bem satisfeito. Hoje deve ser o dia de sua libertação. Ele sorria satisfeito, passando a mão sobre a barriga.

Para quem não sabe, judeus religiosos não misturam carne com queijo e nem comem salsicha feita de carne que não seja *casher*. Uma das interpretações possíveis, além daquela da transgressão ao poder dos pais, especialmente do pai, era a perspectiva de integração de aspectos contraditórios do seu próprio eu (*self*) e daqueles provenientes do processo de identificação com seus pais, alianças inconscientes contraditórias e conflitantes.

O tema central deste trabalho pretende revelar a influência das migrações e dos intercâmbios culturais conscientes e inconscientes, aceitações, rejeições e conflitos na estruturação da personalidade dos migrantes e de seus descendentes. Por exemplo, questões de gênero trazem para as famílias atuais conflitos de integração, talvez mais amenos para uns e menos para outros, se pensarmos na ortodoxia que dividia as questões de gênero, aparentemente, em dois: homem

e mulher. Tudo que fosse diferente dessa condição, uma sexualidade que não se direcionasse para a reprodução, entraria para o rol dos desvios e das patologias. Hoje, os jovens aceitam com aparente naturalidade outros jovens que se sentem diferentes na escolha dos objetos de satisfação sexual e em sua identidade. Surgem, nas famílias, tensões, rejeições, aceitações e resignações no entendimento de que tais características são formas de ser. Há maiores possibilidades de inclusão, apesar dos conflitos que, em alguns casos, geram rupturas internas individuais e quebras na dinâmica familiar.

Fatores favorecedores desses novos encaminhamentos de gênero e de busca de objeto de amor e de prazer podem estar presentes e mascarados nas dinâmicas familiares, facilitados pela subjetividade social, transcultural e conquistas tecnológicas cirúrgicas, medicamentosas e compreensões psicológicas. Elementos que constituem a malha de sustentação das tensões que caminham na direção da realização, da concretização de fantasias até então realizadas por meio de sonhos ou projetadas nas artes como fruto da imaginação criativa (Benghozi, 2010). Quem sabe são expressões espontâneas do *self* individual e familiar ou, ainda, manifestações de estruturas narcísicas a serem melhor compreendidas.

Hoje tentamos compreender as diversidades e singularidades individuais no seio familiar como um modo de ser mobilizado por processos identificatórios resultantes de identidades cruzadas e múltiplas, facilitadas por prevalências e tolerâncias narcísicas familiares e sociais. A plasticidade da mente tende a configurar-se na busca da satisfação de desejos, na construção do pensamento complexo e de uma organização policêntrica dos elementos constituintes do mundo interno, influenciado e influenciando a Cultura.

Há aspectos permanentes e outros mutáveis da personalidade do sujeito que, conectado continuamente, sofre as interferências do mundo virtual, as quais influenciam as redes neuronais e associativas, a velocidade das reações, as transformações das fantasias, as linguagens internas, as incorporações e exclusões por meio de “enter”, “delete”, cindidos, muitas vezes, dos processos crítico-analíticos que a mente tem condição de realizar. Singularidades estão cada vez mais presentes, capazes de gerar múltiplas reações como indiferença, apatia, rejeição, aceitação, integração e assimilação.

O que é família, hoje? Segundo Blay Levisky (2017) e Blay Levisky, Levisky (2019) entende-se por família o espaço vincular íntimo no qual há um sentimento de compromisso recíproco, contínuo e duradouro. Nesse espaço, ocorrem identificações conscientes e inconscientes incorporadas, complementares ou não, quanto ao modo de ser, pensar, sentir e agir que fundamentam e interferem no desenvolvimento da personalidade, na estrutura e na dinâmica dos integrantes da família e do grupo social. Condições que independem da existência de laços sanguíneos.

Quais os desdobramentos e consequências dessa visão de família ainda pouco sabemos. A psicanálise vincular³ contribui para uma compreensão melhor de como interagem os diferentes elementos que compõem a estrutura e a dinâmica familiar na formação do continente psíquico,

³ Psicanálise vincular ou Psicanálise das configurações vinculares é uma extensão da psicanálise freudiana que trabalha a partir da observação do vínculo que se estabelece entre sujeitos numa dimensão intersubjetiva, isto é, com o material que emerge na presença dos envolvidos, no espaço criado entre eles. (Blay Levisky, 2021, no prelo; Berenstein e Puget, 1997).

da pele psíquica⁴ capaz de conter ou não os elementos antagônicos e contraditórios presentes no campo criado pelas relações afetivas. Isto é, na microcultura familiar. A psicanálise vincular, ao revelar uma infinidade de matrizes provenientes de imponderáveis entrecruzamentos relacionais e afetivos, amplia a compreensão dos traumas, conflitos e formas de elaboração dessa rede complexa. Rede criativa, diversificada e sensível a ser tecida por meio das alianças conscientes e inconscientes que formará a malha de continência psíquica capaz de conter ou não a expressividade do mundo afetivo individual e em sua relação com o grupo familiar e social.

Há famílias que se sentem perplexas diante dos afetos gerados por tais manifestações do inconsciente. Outras, vivem essas singularidades e diversidades como expressão do modo possível de ser, desde que elas não se transformem em obstáculos para o funcionamento mental individual e do grupo familiar. Para muitos jovens da atualidade tudo parece normal, como uma simples forma de ser. Algumas escolas aceitam e integram jovens homossexuais e transgêneros como uma questão social real a ser lidada pela comunidade e pela família. Esta condição gera, entre muitos adolescentes e famílias, dúvidas, pois ampliam conflitos e questionamentos: quem sou eu? Se, no passado, as delimitações e repressões eram mais nítidas, o mesmo não ocorre hoje em muitos aspectos dos vários níveis de subjetivação. As decisões nem sempre são claras e autônomas, e há graus distintos de tensão interna e familiar.

A miscigenação é parte da natureza humana, bem como a seleção na formação das espécies. Diferentes fatores motivacionais interferem: climas, guerras, religiões, fome. Eles geram migrações com intensidades, amplitudes e velocidades diferentes, gerando mudanças geopolíticas importantes. É assim com as plantas e com os animais. Por que seríamos diferentes? Em nível microfamiliar, algo equivalente ocorre, acrescido de aspectos culturais. Famílias endogâmicas tendem a se destruir. Raças puras inexistem. A miscigenação intensa, rápida e globalizada parece gerar estados de não integração e transformações da Cultura, desencadeando reações de resistência e ruptura.

A “malha” de sustentação familiar (Benghozi, 2010), metáfora inspirada na rede de pesca com fios, nós, espaços entre os fios, enquadramento e pontos de tensão, define as condições de continência total, parcial e pontos de fragilidade que geram ataques e rejeições intrafamiliares. Esse processo complexo de interferências múltiplas, recíprocas e contínuas gera transformações simbólicas que podem afetar níveis biológicos, psicológicos e sociais com diferentes intensidades e velocidades nas relações desse contexto vincular. Conquistas tecnológicas e fantasias individuais e grupais interferem nas atividades simbólicas do grupo familiar. Interferem nos ideais de ego, nos mecanismos defensivos, na elaboração edípica e narcísica da subjetivação, na construção de alianças inconscientes. Famílias tradicionais constituídas por pai-mãe-bebê convivem com outras multiparentais, casamentos múltiplos, homo ou monoparentais. Na modernidade, diferentemente do que se passa na pós-modernidade, a variabilidade de opções é menor e restrita a grupos excluídos ou sociedades fechadas.

Na pós-modernidade: “As pessoas podem se reinventar com a criação de novas formas de ser e de viver ao contemplar a singularidade do desejo ... É uma tarefa solitária, angustiante e exaustiva ... A subjetividade tem de se constituir em meio a um estado de “depleção simbólica”,

⁴ Pele psíquica – capacidade psíquica incorporada pelo sujeito ou pelo grupo, a partir da relação mãe-bebê ou entre os componentes do grupo, que permite ao sujeito ou aos sujeitos do grupo de ser(em) continente(s) ao delimitar(em) as fronteiras entre mundo interno e mundo externo (Bick, 1968).

situação em que instituições frágeis não têm lastro, nem credibilidade para produzir significações operantes” (Minerbo, 2013, p.32).

Pode-se entender Cultura como uma condição “singularmente humana; somente o homem é capaz de desafiar sua realidade, reivindicando para ela um significado. O processo cultural, portanto, é, ao mesmo tempo, agente da desordem e instrumento da ordem; lugar da criatividade e, também, ossatura da regulação normativa” (Bauman, 1999, p.18). A cultura tanto inventa quanto preserva. Ela se constitui de descontinuidade e prosseguimento; de rotina e quebra de padrões; de normas e transgressões; do ímpar e do regular; da mudança e da monotonia; do inesperado e do previsível.

A cultura é codificada pelas atividades representacionais e simbólicas que se transformam com as conquistas tecnológicas e ocorrências da Natureza que interferem na vida de relação individual, familiar e social. A besta humana torna-se civilizada ao ter a oportunidade de aprender a controlar a atividade das pulsões por meio da percepção e transformá-las em linguagens representativas das ilusões, fantasias, desejos, medos que, simbolizados em mitos e utopias, atenuam sua intensidade em busca de adaptação à cultura. Processo que se inicia precocemente na vida, talvez antes mesmo do bebê nascer, e depois, como fruto dos vínculos afetivos estabelecidos e ícones representacionais transmitidos ao longo do desenvolvimento.

Capacidades neuropsíquicas de nossa constituição genética permitem a existência de atividade representacional por meio de formação de signos, símbolos, significantes e significados que formam múltiplas linguagens e sintaxes conscientes e inconscientes. São elementos que participam da constituição da personalidade, da identidade e da subjetividade. Afetos universais expressam vida, angústia, dor, frustração, medo, desejo, criatividade, esperança. Graças a esses signos e seus significantes e significados podemos discriminar, analisar, confrontar, julgar, criar, pensar e agir de acordo com as configurações formadas pelas malhas de conexões simbólicas individuais, familiares, grupais em diferentes níveis de subjetivação. Tudo imbricado com a cultura.

Em âmbito restrito, é no espaço da microcultura, onde um conjunto de crenças, valores, costumes e tradições unem um determinado grupo de pessoas, país, região, geração ou família. Pessoas que imediatamente se identificam, mesmo que não se conheçam. Freud (1926) propôs o conceito de “arquitetura anímica” para tentar explicar o sentimento de identidade que une judeus de diferentes origens ou grupos com afinidades semelhantes. Kaës (2015) aprofundou essa percepção, ao colocar em evidência a existência de “alianças inconscientes”, vínculos que antecedem e transcendem a linguagem falada. Alianças que se especificam pelo seu campo próprio de tal modo que alguns de seus conteúdos, objetivos, metas e envolvimento são inconscientes aos sujeitos dessas alianças e promoverem nos participantes do vínculo um valor de verdade, de realidade e de aceitação entre si (Fernandes, 2012).

III. CONCLUSÃO

Sugiro que dentro da microcultura familiar haverá maior ou menor integração de partes do *self* familiar, na dependência das forças de coesão, de integração, de tolerância às individualidades e singularidades presentes na tessitura familiar. Estruturas capazes ou não de serem continentes dessas diversidades e similitudes, caso contrário, surgem conflitos e rupturas familiares, com exclusões, repressões e ódio. O problema não são os conflitos intrafamiliares que sempre existem, mas a capacidade de continência e de configuração dessas estruturas dinâmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBERY, M. « *L'élégance du hérisson* ». Paris, Gallimard, 2006.
- BAUMAN, Z. « *Ensaio sobre o conceito de cultura* ». Rio de Janeiro: Zahar, 1999
- BENGHOZI, P. « Malhagem, filiação e afiliação – psicanálise dos vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social ». São Paulo: Vetor Editora, 2010.
- BERENSTEIN, I. e PUGET, J. « Lo vincular. Clínica y técnica psicoanalítica ». Buenos Aires: Paidós, 1997.
- BICK, E. « The experience of the skin in early object relations ». *Int. J. Psycho-Anal.* 49, 1968.
- BLAY LEVISKY, R., DIAS, M.L., LEVISKY, D.L. « Dicionário de psicanálise de casal e família ». São Paulo: Editora Bluhcer, 2021(no prelo).
- BLAY LEVISKY, R. e LEVISKY, D.L. « Definição de família ». *O tempo e as relações familiares nos espaços reais e virtuais: impactos da Cultura*. Colóquio da POIESIS ANALITIKA, Lisboa, setembro 2019.
- BLAY LEVISKY, R. « Expressões da intimidade nos vínculos: interferências da cultura », *Revista Ide* (63), 2017.
- FERNANDES, M.I.A. « Breves notas sobre a construção do vínculo ». In : Gomes, I. C., Fernandes, M.I.A., Blay Levisky, R. *Diálogos psicanalíticos sobre família*, São Paulo: Zagodoni Editora, 2012.
- FREUD, S. (1926) « Discurso a los Miembros de la Sociedad B'Nai B'ritht ». *Obras Completas*, v.III, Tercera Edición. Madri: Biblioteca Nueva, 1973
- KAËS, R. « L'extension de la psychanalyse pour une métapsychologie du troisième type ». Paris: Dunod, 2015.
- MINERBO, M. « Ser e sofrer, hoje ». *Revista Ide - Psicanálise e Cultura*, São Paulo. 35[55], 2013.
- TRACHTENBERG, A.R.C. « Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos ». *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 51, n. 2, 2017.